

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA CLÁSSICO DE DOROTHY ARZNER
28 e 30 de Dezembro de 2022

FIRST COMES COURAGE/ 1943
(Crepúsculo Sangrento)

Um filme de Dorothy Arzner

Realização: Dorothy Arzner (e Charles Vidor) / Argumento: Melvin Levy, Lewis Meltzer e George Sklar, baseado num romance de Elliott Arnold / Direcção de Fotografia: Joseph Walker / Direcção Artística: Lionel Banks e Fay Babcock / Guarda-Roupa: Eugene Joseff / Música: Ernst Toch / Som: Lambert Day / Montagem: Viola Lawrence / Interpretação: Merle Oberon (Nicole Larsen), Brian Aherne (Allan Lowell), Carl Esmond (Paul Dichter), Isobel Elsom (Rose Lindstrom), Fritz Leiber (Dr. Aanrud), Erville Alderson (Soren), Erik Rolfe (Ole), Reinhold Schünzel (Kurt von Elser), etc.

Produção: Columbia / Produtor: Harry Joe Brown / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 87 minutos / Estreia em Portugal: 13 de Outubro de 1945.

Com **First Comes Courage** encerrou-se a carreira de realizadora de Dorothy Arzner, aos 46 anos – num filme cujos trabalhos não pôde concluir, acometida de uma pneumonia que forçou à chamada de Charles Vidor para terminar as filmagens. A bem dizer, o seu ritmo de trabalho tinha-se tornado intermitente, com intervalos entre filmes que nunca tinham sucedido antes (três anos entre **First Comes Courage** e o filme anterior, **Dance, Girl, Dance**, de 1940; e outros três anos entre esse e o precedente, **The Bride Wore Red**, de 1937), quando até então, e desde o início, filmara com uma regularidade completamente diferente, estreando um novo título a cada ano e por vezes mais do que só um título. De qualquer modo, um filme como **First Comes Courage**, em todos os seus aspectos de produção rotineira, serve de tributo a Arzner: o que há de notável na sua passagem por Hollywood é a sua plena integração na maquinaria dos estúdios – algo, isso sim, absolutamente raro na época para uma mulher – e não ela ter constituído alguma espécie de grão na engrenagem.

E tanto assim era que o produtor Harry Joe Brown (que mais tarde seria o parceiro de Randolph Scott na Ranown, para a fabulosa série de westerns dirigidos por Budd Boetticher que os três montariam nos anos 50) chamou Arzner para realizar um filme inserido num género – ou pelo menos, num ambiente – que a vox populi atribuiria sobretudo a um domínio masculino: o filme de guerra. **First Comes Courage** não será um “war movie” no sentido mais extremo (não é um filme de campos de batalha nem de grandes manobras militares), mas é um filme onde a guerra (a II) está por todo o lado, e é o núcleo melodramático que justifica e faz evoluir as personagens e as relações entre elas. Nesse aspecto, é um filme paradigmático da “resistência” hollywoodiana ao nazismo, e da espécie de cobertura “em cima da hora” que os filmes americanos foram fazendo da II Guerra mundial (**First Comes Courage** é, por exemplo, um filme do mesmo ano do **Hangmen Also Die** de Fritz Lang, e até partilha com ele um actor: o grande Reinhold Schünzel, que aqui, como no Lang, interpreta o papel de um sinistramente melífluo oficial nazi).

O cenário histórico é, ainda assim, relativamente raro. Trata-se da ocupação nazi da Noruega, bem menos focada nos filmes americanos da II Guerra do que outros países e outras ocupações na Europa situada mais a sul. Se isso dá um toque – mais frio, mais isolado – à narrativa de **First Comes Courage**, e um toque não despidendo, o essencial dela está menos dependente de questões

geográficas. Como nos bons melodramas - “melodrama de guerra” seria a melhor classificação genérica para o filme – a História e as suas exigências são sobretudo o novelo que condiciona e determina as personagens, as suas acções e as suas escolhas, sendo seguro que prevalece, como em quase todos os filmes aproximáveis feitos em Hollywood nestes anos, uma atitude “never surrender” que justifica e motiva todos os sacrifícios pessoais.

E **First Comes Courage**, através dos contornos da sua intriga, é principalmente um movimento para esse “never surrender” (que em 1943 só podia ficar em suspenso, e ser, nessa suspensão, o único “happy end” possível) construído por cima de sacrifícios pessoais. É uma história onde o “íntimo” é sempre uma representação – a relação entre Merle Oberon, a espia aliada, e o nazi interpretado por Carl Esmond, e a relação entre Oberon e o seu aliado, Brian Aherne – e onde o perigo dessa representação está sempre a ser sugerido e sublinhado, quanto mais não seja por Oberon ser uma “impostora” num mundo predominantemente masculino, mas também por o seu tipo de impostura estar directamente ligado à sua condição feminina. Nesse sentido, acaba por ser um filme simbólico, involuntariamente simbólico, como fecho de carreira de Arzner: não só retrata uma das personagens femininas mais fortes da sua obra (Merle Oberon empresta à personagem uma frieza e uma lucidez impressionantes, que se tornam particularmente comoventes na sequência final), como invariavelmente exprime essa singularidade, que também foi a sua, da presença do feminino num mundo povoado, quase a 100%, por homens.

Luís Miguel Oliveira